

Proposta de organização funcional do sistema defensivo 3:3 no handebol diante das transformações ofensivas na categoria infantil

Lucas Leonardo¹
Tathyane Krahenbühl²

RESUMO

Na categoria infantil do handebol a utilização de defesas zonais abertas, especialmente a defesa 3:3, tem sido defendida pela literatura especializada. Entretanto, torna-se necessário compreender como a defesa 3:3 pode se comportar frente às transformações do sistema ofensivo adversário. Sustentados numa revisão bibliográfica e na articulação com estudos, pesquisas e conhecimentos aplicados, este estudo apresenta possibilidades para o uso de meios táticos defensivos individuais e de grupo em busca do êxito defensivo, considerando os níveis de compreensão do jogo dos jovens atletas. Assim, apresentamos propostas que sustentam a necessidade de aprendizagem de meios táticos como o reconhecimento do atacante direto, os deslizamentos e as trocas de oponentes, tendo em vista o êxito do sistema defensivo 3:3 frente às transformações ofensivas realizadas por circulações de pontas e desdobramentos de armadores adversários.

Palavras-chave: Handebol. Sistema Defensivo. Esporte para Jovens.

¹ Universidade Estadual de Campinas

² Universidade Federal de Goiás

Recebido em: 25 abr. 2017

Aprovado em: 30 out. 2018

Contato: lucasleo@gmail.com

Proposal for functional organization of handball 3:3 defensive system before offensive transformations in the u-14 category

ABSTRACT

In the u-14 handball category, the use of open zonal defenses, especially the 3:3 defensive system, has been defended in the specialized literature. However, it becomes necessary to understand how 3:3 defensive system can behave against the transformations of the opposing offensive system. Based on a bibliographical review and articulations with studies, research and applied knowledge, this study presents possibilities for the use of individual and group tactical means of defensive success considering the levels of understanding of the game of the young athletes. Thus, we present proposals that support the need to learn tactical means in view of the success of the 3:3 defensive system against the offensive system transformations.

Keywords: Handball. Defensive System. Youth Sports.

Propuesta para la organización funcional de la defensa 3:3 en el balonmano contra las transformaciones ofensivas en la categoría infantil

RESUMEN

En la categoría infantil del balonmano el uso de defensas zonales abiertas, especialmente la defensa 3:3, ha sido defendida por la literatura especializada. Sin embargo, hace necesario comprender cómo la defensa 3:3 puede comportarse frente a las transformaciones del sistema ofensivo adversario. Sostenidos en una revisión bibliográfica y articulaciones con estudios, investigación y conocimientos aplicados, este estudio presenta posibilidades para el uso de medios tácticos defensivos individuales y de grupo en busca del éxito defensivo considerando los niveles de comprensión del juego de los jóvenes atletas. Así, presentamos propuestas que sostienen la necesidad de aprendizaje de medios tácticos como el reconocimiento del atacante directo, los deslizamientos y los cambios de oponentes teniendo en vista el éxito del sistema defensivo 3:3 frente a las transformaciones ofensivas realizadas por circulaciones de extremos y desdoblamiento de armadores adversarios.

Palabras Clave: Balonmano. Sistema Defensivo. Deportes Juveniles.

INTRODUÇÃO

O handebol, segundo Bayer (1994), enquadra-se na categoria de esportes coletivos de luta direta pela posse de bola, tipo de manifestação esportiva que, devido à vantagem ofensiva no tocante à manutenção da bola individual e coletivamente, se constrói a partir de regras que permitem à defesa a utilização do uso de carga física sobre o avanço da equipe adversária, sendo assim, uma característica bastante peculiar ao handebol dentro da família dos jogos esportivos coletivos de invasão (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

A estruturação do jogo defensivo, a partir de distintos sistemas defensivos, é uma das características da modalidade. Enquanto o sistema defensivo 6:0, se apresenta como uma proposta que ocupa prioritariamente os espaços defensivos no sentido da largura da quadra caracterizando-o como uma defesa fechada, sistemas defensivos organizados em distintas linhas buscam priorizar a ocupação do espaço em profundidade, conferindo um caráter mais aberto em sua estrutura (SIMÕES, 2002). (FIGURA 1)

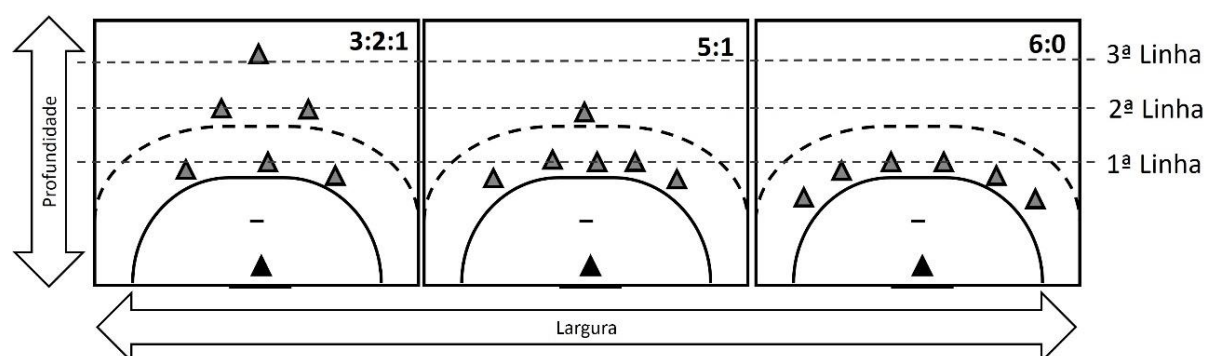


Figura 1 - Exemplos de alguns sistemas defensivos em função das linhas defensivas, profundidade e largura da quadra.

Um dos sistemas defensivos abertos e que se estrutura em duas linhas bastante recorrentes no handebol é o sistema defensivo 3:3. Dada às características complexas e sistêmicas do handebol (MENEZES; REIS, 2017), o confronto ataque x defesa frente às defesas abertas possuem algumas características marcantes. Visando vantagem durante a fase do ataque, destaca-se o jogo de transformações ofensivas (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 2012a), que pode ser operacionalizado por meio de meios táticos, como as circulações de pontas e os desdobramentos dos armadores, ações táticas estas recorrentes no handebol e que rompem com a simetria que a defesa busca manter frente ao ataque (FIGURA 1).

A execução de circulações e desdobramentos podem ocasionar maior eficácia ao ataque quando comparado à manutenção de um só sistema de jogo ofensivo (GARCÍA et al., 2004; MENEZES; REIS, 2017), pois são movimentações dos atacantes sem bola em direção ao centro da defesa, fator que pode causar potenciais problemas ao sistema defensivo 3:3 devido à mudança da estrutura do ataque do tradicional 3:3 para o 4:2 ou mesmo o 3:3 com dois

pivôs, gerando assimetrias na relação entre ataque e defesa (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 2012a).

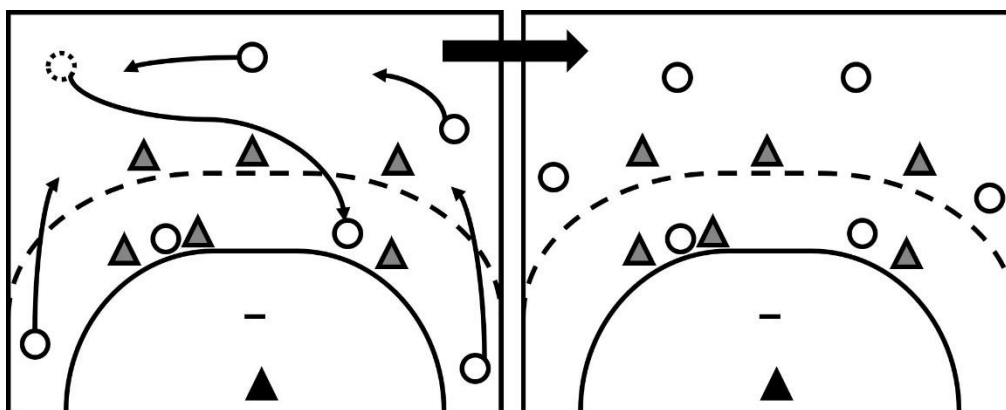


Figura 2 – Possibilidades de transformação do sistema ofensivo 3:3 no sistema 4:2 gerando desequilíbrio ao sistema defensivo 3:3.

Em se tratando do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do handebol e dos esportes coletivos como um todo, novas tendências em Pedagogia do esporte têm defendido a organização de currículos de formação (SCAGLIA et al. 2013), que possibilitem organizar os aspectos estratégico-táticos-técnicos da aprendizagem ao longo do tempo (BLÁZQUEZ; HERNÁNDEZ, 1984; GALATTI, et al., 2017).

Para isso, se destaca a necessidade de que a escolha de conteúdos de aprendizagem respeite os níveis de compreensão da lógica do jogo dos atletas inseridos neste processo, afinal, a maior ou a menor experiência com a modalidade e a idade dos praticantes são aspectos que influenciam a compreensão do esporte, tornando necessário o ajustamento dos conteúdos de aprendizagem às possibilidades de entendimento dos praticantes.

Conforme justifica Garganta (1995), o processo de ensino-aprendizagem dos jogos esportivos coletivos deve respeitar distintas fases de compreensão do jogo, representadas por quatro diferentes níveis, que se iniciam pelo jogo anárquico, passam pelas fases da descentração e estruturação do jogo e culminam, após um longo período de formação, no acesso ao jogo elaborado, apresentando as bases para a construção de um processo curricular de ensino e aprendizagem esportiva.

A utilização de sistemas defensivos abertos, entre eles o sistema defensivo 3:3, é marcante em competições de handebol da categoria infantil, que abrange as faixas etárias de 13 e 14, conforme destacam Leonardo e Scaglia (2018).

Deste modo, as possibilidades de ação defensiva diante da interação entre a utilização do sistema defensivo 3:3 e o jogo de transformações ofensivas está diretamente associada com a prática pedagógica da categoria infantil, porém, está ligada à capacidade de entendimento que os atletas possuem do handebol nestas faixas etárias.

As ações possíveis de serem entendidas pelos dos jogadores da categoria infantil distinguem-se das condutas táticas de atletas de alto nível, como muito bem expõe Garganta (1995), cabendo a esta categoria competitiva a orientação de condutas que estejam ajustadas às possibilidades manifestas pelos jovens atletas.

Diante deste problema, este estudo tem por objetivo apresentar possibilidades funcionais viáveis para o sistema defensivo 3:3 frente ao jogo de transformações ofensivas na categoria infantil do handebol, mediante a utilização de meios táticos que façam parte dos conteúdos de aprendizagem específicos a esta categoria. Ressaltamos, contudo, que devido à característica dinâmica imprevisível e complexa do handebol (MENEZES; REIS; MORATO, 2016) este estudo não tem a pretensão de propor a exaustividade deste assunto, mas visa apresentar possíveis soluções aos problemas centrais da pesquisa.

MÉTODOS

NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa é um estudo exploratório, de caráter propositivo e reflexivo, realizado através de uma pesquisa bibliográfica que nos permitiu elaborar um quadro conceitual orientador (LAKATOS; MARCONI, 2010) submetido à articulação com a aplicação prática advinda dos estudos, pesquisas e experiências dos pesquisadores.

OBRAS SELECIONADAS

Selecionamos, como obras orientadoras para nosso quadro conceitual, o livro de Ehret et al. (2002) e os capítulos de livro escritos por Greco, Silva e Greco (2012) e Estriga e Moreira (2013), pois estas obras configuram-se como propostas pedagógicas que apresentam a preocupação processual com a formação de atletas de handebol e orientam a organização do ensino do handebol em diferentes períodos de aprendizagem e ao longo do tempo. As informações apresentadas por estas obras foram associadas aos níveis de compreensão do jogo proposto por Garganta (1995), tendo como foco a categoria infantil.

O acesso a estas obras foi determinado pela facilitação da língua (português) e pela coerência interna que estes estudos apresentam entre si, possibilitando corroboração e complementação de informações, de modo que um rico quadro teórico fosse construído.

ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Diante das interpretações das informações bibliográficas e nossa experiência de mais de 10 anos como professores e treinadores de handebol da categoria infantil, a nossa atuação docente com disciplinas na área de pedagogia do esporte, esportes coletivos e handebol e

produção de estudos e pesquisas associadas ao handebol para o público de crianças e jovens, elaboramos uma proposta para o funcionamento do sistema defensivo 3:3 frente ao jogo de transformações ofensivas, respeitando as características e possibilidades de atuação de jovens da categoria infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OS CONTEÚDOS DE APRENDIZAGEM DEFENSIVA NA CATEGORIA INFANTIL

No tocante à categoria infantil, Ehret et al. (2002), Greco, Silva e Greco (2012) e Estriga e Moreira (2013) retratam em seus trabalhos os principais conteúdos defensivos a serem trabalhados durante o processo de ensino, aprendizagem e treinamento do handebol. Estas informações são representadas de maneira sintética no Quadro 1, que tem como ponto de sustentação as fases de compreensão do jogo e as características típicas destas fases, segundo Garganta (1995).

Quadro 1 – Aspectos defensivos segundo propostas de formação de atletas de handebol com foco na categoria infantil (13 e 14 anos de idade)

Tema	Autores	Descrição
Nível de Compreensão do Jogo	Garganta (1995)	Transição entre os níveis de descentração e estruturação
Características	Garganta (1995)	Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo Surtem as táticas individuais e de grupo
Aprendizagem dos Sistemas Defensivos	Ehret et al. (2002)	Defesa 1:5 (análoga ao 3:3, segundo Menezes, 2013) e a manutenção da marcação individual
	Greco, Silva e Greco (2012)	Defesas zonais derivadas da marcação individual (1:5, 3:3, 3:2:1)
	Estriga e Moreira (2013)	Inserção do sistema zonal em linhas 3:3
Aprendizagem da Tática Individual	Ehret et al. (2002)	Reconhecer o seu Atacante Direto; Perturbar o Ataque Adversário e Marcação Ativa
	Greco, Silva e Greco (2012)	Tomar a Marcação; Antecipar a Ação de Ataque; Atacar o Atacante e Tirar a Bola do Adversário
	Estriga e Moreira (2013)	Enquadramento Defensivo; Intercepção do Passe e Controle Defensivo
Aprendizagem da Tática de Grupo	Ehret et al. (2002)	Trocar de Oponente; Acompanhar; Cobrir e Ajudar
	Greco, Silva e Greco (2012)	Trocar de Oponente; Deslizamento
	Estriga e Moreira (2013)	Trocar de Oponente; Ajudar

O SISTEMA DEFENSIVO 3:3 COMO CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM PARA A CATEGORIA INFANTIL

Na categoria infantil, Ehret et al. (2002) e Greco, Silva e Greco (2012) justificam que as defesas zonais abertas a serem aprendidas devem ser derivadas da marcação individual, destacando em suas propostas os sistemas 1:5 e 3:3. Observando a proposta de Estriga e Moreira (2013), também observamos aproximações conceituais em relação ao uso do sistema defensivo 3:3 (FIGURA 3), configurando-o como um conteúdo de aprendizagem da categoria infantil. Torna-se importante frisar a observação de Menezes (2013) ao descrever que o sistema defensivo 1:5 proposto por Ehret et al. (2002) comporta-se funcionalmente de forma análoga ao sistema defensivo 3:3, pois depende da variação do posicionamento dos pontas atacantes adversários.

Dada a importância conferida ao uso do sistema defensivo 3:3 durante a categoria infantil, torna-se fundamental compreender suas características. Acerca dos aspectos estruturais, Menezes (2013) descreve que:

O sistema defensivo 3:3 é composto por duas linhas defensivas, sendo que a 1ª linha defensiva é constituída por três defensores posicionados próximos à linha dos 6 metros, enquanto a 2ª linha defensiva é constituída por três defensores posicionados próximos à linha de 9 metros. Essa disposição espacial apresenta grandes distâncias individuais entre os defensores e, à primeira vista, uma região de vulnerabilidade no centro do sistema (MENEZES, 2013, p. 72)

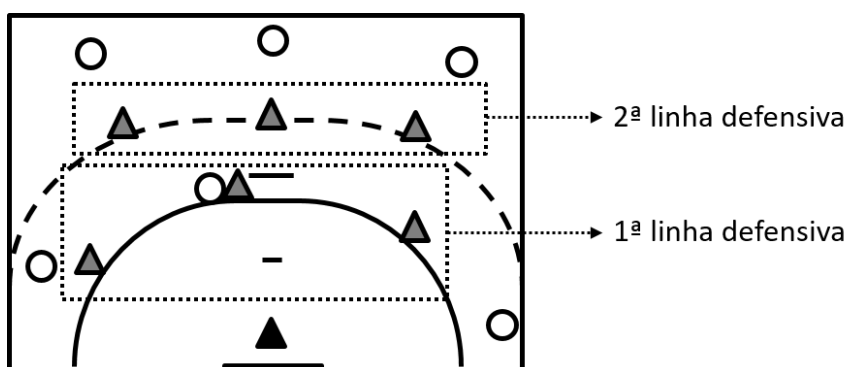


Figura 3 – O sistema defensivo 3:3 e suas duas linhas defensivas.

As três obras valorizam, contudo, que o funcionamento defensivo se estabeleça a partir das relações de 1x1, portanto, baseada ainda na resolução de problemas individuais frente ao seu opositor direto, em respeito à fase de compreensão do jogo que transita da descentração para a estruturação.

Devemos nos atentar, porém, que por ser descrito como um sistema, para compreender o sistema defensivo 3:3 de modo a valorizar sua complexidade não podemos resumir-lo apenas à sua descrição estrutural baseada na simples análise de seu desenho espacial. Torna-se

importante, para isso, conhecer o conceito do termo “sistema” e suas aplicações possíveis ao cenário do handebol defensivo.

Segundo D’Otavianno e Bresciani Filho (2004, p. 2), “um sistema consiste de um conjunto de elementos que formam uma estrutura, a qual possui uma funcionalidade”, desta forma, transferindo tais conceitos ao cenário do handebol, um sistema defensivo é composto por elementos (jogadores), cuja a estrutura representada pelo padrão organizacional espacial (a distribuição espacial dos jogadores dentro do sistema 3:3) é dotada de funcionalidade (ações táticas individuais, de grupo e coletivas) que ditará seu comportamento enquanto um sistema.

Para Bayer (1994), a funcionalidade dos esportes coletivos é garantida pelas suas regras de ação, que se caracterizam pela sua intencionalidade, ou seja, por serem coordenadas entre os jogadores para um objetivo coletivo. Tais regras de ação caracterizam-se como meios táticos do handebol, que podem ser individuais, quando apenas um jogador as realiza, de grupo, quando dois, três ou quatro jogadores se envolvem nas ações, e coletivas, quando os demais jogadores da equipe passam a integrar as ações táticas em questão (MARTINI, 1980; ANTÓN GARCÍA, 2000; 2002; FERNANDÉZ ROMERO et al., 2012b).

Portanto, mais do que propor modelos defensivos a partir de seu desenho estrutural, torna-se necessário que tais modelos sejam implementados sobre uma perspectiva sistêmica, portanto, através da compreensão de que a estrutura defensiva possui uma funcionalidade gerida por regras previamente definida entre os jogadores que constituem este sistema defensivo.

A partir desta concepção, as regras de ação ou meios táticos também passam a se comportar como importantes conteúdos de aprendizagem conforme propõe Daolio (2002) sustentado na obra de Bayer (1994), sobretudo por serem saberes que podem garantir o acesso aos conteúdos gerais e transferíveis entre os diferentes esportes coletivos de invasão e que só podem ser aprendidos por meio da resolução de problemas vividos na realidade do jogo enquanto ambiente de aprendizagem (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITTO, 2009; SCAGLIA; REVERDITTO; GALATTI, 2013).

No Quadro 1 podemos observar também sugestões sobre o uso de meios táticos individuais e de grupo para garantir o funcionamento do sistema defensivo 3:3 e que fazem parte dos saberes necessários para o aprendizado defensivo do handebol na categoria infantil. São estes meios táticos que darão funcionalidade ao sistema defensivo 3:3.

Dentre as regras de funcionamento defensivo do sistema 3:3 através dos meios táticos individuais, destacam-se a importância de se “reconhecer o espaço a ser defendido” e quem é o “atacante direto” que ocupa este respectivo setor de responsabilidade (EHRET et al., 2002). De maneira análoga, esta ação tática é descrita como “tomar a marcação” (GRECO; SILVA; GRECO, 2012) e como o “enquadramento defensivo” (ESTRIGA; MOREIRA, 2013). O

conceito de “deslizamento” (GRECO; SILVA; GRECO, 2012) e “acompanhamento” (EHRET et al. 2002), também são análogas enquanto ações táticas individuais. Destaca-se também a importância funcional dada à atuação ativa da defesa através de diferentes formas de antecipação que possam pressionar o ataque adversário e lutar pela bola.

No Quadro 1 observa-se também um meio tático de grupo comum que segundo as propostas pedagógicas deve ser aprendido na categoria infantil: a realização das “trocas de oponente”.

Estes meios táticos serão debatidos enquanto elementos funcionais que podem ser bastante úteis para o confronto entre o sistema defensivo 3:3 e o jogo de transformações ofensivas.

O JOGO DE TRANSFORMAÇÕES OFENSIVAS

Ofensivamente, destacaremos neste estudo três tipos de transformações do sistema de jogo como as situações que podem criar potencial conflito às condutas defensivas do sistema 3:3 na categoria infantil (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 2012a), às quais são ilustradas pela Figura 4.

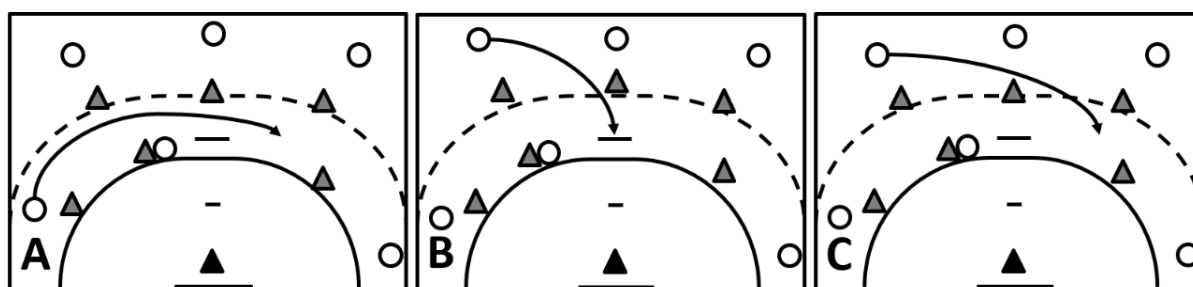


Figura 4 – Possibilidades de transformação do sistema ofensivo 3:3 no handebol por meio de circulações dos pontas (A) e desdobramento de armadores (B e C).

A situação descrita pela Figura 4A, representa a circulação (sem bola) de um dos pontas em direção ao centro da defesa 3:3 gerando dúvidas aos defensores da primeira linha defensiva sobre quem será responsável pela sua marcação. A Figura 4B mostra a possibilidade de entrada sem bola de um dos armadores (desdobramento) para o centro da defesa 3:3, criando superioridade numérica contra a primeira linha ofensiva. A Figura 4C descreve novo desdobramento de um dos armadores para ocupar sem bola o centro da defesa 3:3, porém, este armador passa pela frente de seu defensor direto e seu defensor indireto criando superioridade numérica frente à primeira linha defensiva.

PROPOSTAS DE FUNCIONAMENTO DEFENSIVO DO SISTEMA 3:3 FRENTE À TRANSFORMAÇÃO DO SISTEMA OFENSIVO 3:3 PARA 3:3 COM DOIS PIVÔS DIANTE DA CIRCULAÇÃO PONTAS ADVERSÁRIOS

Uma das formas de transformação do sistema ofensivo pode ocorrer mediante a circulação dos pontas (GARCÍA et al., 2004; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 2012a) (FIGURA 4A), ação que pode trazer um grande problema ao sistema defensivo zonal 3:3 na categoria infantil, sobretudo, devido à tendência de atenção centrada na bola.

Nesta situação, caso os pontas adversários posicionem-se em grande profundidade, ou seja, próximos à linha de fundo, o defensor da primeira linha defensiva daquela região terá dificuldades para manter a atenção voltada ao seu atacante direto e à bola concomitantemente (FIGURA 5A).

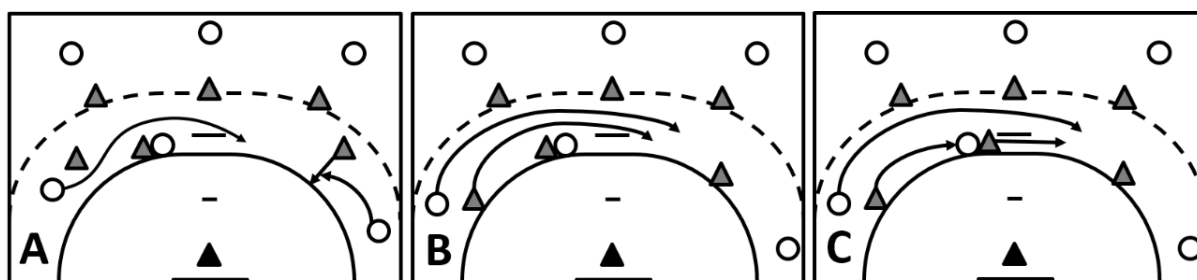


Figura 5 – Possibilidades de funcionamento da primeira linha defensiva frente à transformação ofensiva mediante circulação do ponta para o centro da defesa.

Para esta situação, uma regra de funcionamento da defesa deve orientar aos defensores que estes se posicionem com máxima proximidade à linha de seis metros, evitando que os atacantes possam se deslocar pelas suas costas sem que eles percebam, o que possibilita inclusive uma conduta defensiva em distância (MARTINI 1980; FERNÁNDEZ ROMERO, et al., 2012c), buscando estabelecer alguma relação com o espaço que poderá ser ocupado pelo seu atacante direto, conforme destacam Ehret et al. (2002), Greco, Silva e Greco (2012) e Estriga e Moreira (2013) (QUADRO 1).

Com este tipo de posicionamento defensivo, os pontas poderão circular apenas pela frente de seus defensores diretos, tornando mais fácil a percepção defensiva da tentativa de transformação ofensiva do jogo, o que torna possível ao defensor que se coloque com seu tronco à frente da trajetória do atacante, barrando legalmente sua passagem, por meio da antecipação da ação do atacante, como destaca Greco, Silva e Greco (2012) (FIGURA 5A).

A segunda regra diz respeito à utilização dos conceitos de deslizamento ou acompanhamento (GRECO; SILVA; GRECO, 2012; EHRET, 2002), um meio tático individual, e as trocas de oponente, um meio tático de grupo (GRECO; SILVA; GRECO, 2012; EHRET, 2002; ESTRIGA; MOREIRA, 2013).

A Figura 5B ilustra a realização de um deslizamento em resposta à circulação do seu ponta, o que é uma ação tática individual simples que consiste no seguimento do oponente de maneira a tomar sua marcação de forma muito semelhante à defesa individual. Esta é uma conduta defensiva defendida por Ehret et al. (2002) durante a utilização do sistema defensivo

3:3 pois, segundo estes autores, os atacantes que entram na zona de finalização devem ser acompanhados por seus defensores diretos.

Para Fernández Romero et al. (2012a) o deslizamento deve ser utilizado predominantemente em situações em que os defensores estejam escalonados, ou seja, em linhas defensivas diferentes, que de fato é o que ocorre na situação descrita na Figura 5B, afinal, os defensores avançados podem não ver a circulação do ponta, tornando mais viável que o marcador direto deste ponta deslize com ele por de trás da segunda linha defensiva do sistema 3:3 do que, por exemplo, sejam realizadas trocas de oponente entre a primeira e a segunda linha defensivas.

Entretanto, quando o ponta circula passando também pela frente do defensor que está no centro da defesa acompanhando o pivô adversário, conforme as Figuras 5B e 5C ilustram, uma situação de conflito pode se estabelecer, pois, segundo Menezes, Boff e Freire (2015, p. 6), no sistema defensivo 3:3 existe “a necessidade de o defensor acompanhar os atacantes que ocupam o posto de pivô” o que pode transformar esta relação em uma conduta bastante individualizada, prejudicando a aplicação do conceito de trocas de oponentes, que exige a momentânea soltura de um defensor, a tomada de marcação do novo defensor e o seu seguimento (FIGURA 5C).

Somado ao fato de ser uma movimentação sem bola e por ser a primeira linha defensiva geralmente distante do centro de jogo (COSTA et al., 2011), ou seja, da localização da bola e das ações defensivas diretas sobre os ela e seus portadores que podem tomar a atenção dos defensores envolvidos nesta circulação, a possibilidade da trocas entre os defensores da primeira linha defensiva torna-se difícil de ser realizada corretamente, contrariando as orientações de Fernández Romero et al. (2012b) que defendem a viabilidade das trocas de oponentes para jogadores que estejam na mesma linha defensiva, como é o caso desta situação.

Corroborando com as preocupações expressas neste trabalho, Ehret et al. (2002) e Menezes, Boff e Freire (2014) ressaltam a utilização das trocas de oponentes frente aos cruzamentos com bola, logo, em situações próximas ao centro do jogo, ressaltando que as trocas de oponente devem ocorrer em situações nas quais os atacantes que trocam de posição estejam à frente da segunda linha defensiva do sistema 3:3.

PROPOSTAS DE FUNCIONAMENTO DEFENSIVO DO SISTEMA 3:3 FRENTE À TRANSFORMAÇÃO DO SISTEMA OFENSIVO 3:3 PARA 2:4 OU 4:2 DIANTE DO DESDOBRAMENTO DOS ARMADORES ADVERSÁRIOS

Outras formas de transformação do sistema ofensivo ocorrem mediante o desdobramento dos armadores (GARCÍA et al., 2004; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 2012a) (FIGURA 6A e 6B). Novamente, quaisquer movimentações sem bola realizadas longe do centro de jogo poderão gerar dúvidas aos defensores, sobretudo, quando a ação ofensiva se origina frente à segunda linha defensiva e dirige-se para a primeira linha da defesa 3:3.

Embora das trocas de oponente (EHRET et al., 2002; GRECO; SILVA; GRECO, 2012; ESTRIGA; MOREIRA, 2013) e o deslizamento (EHRET et al., 2002; GRECO; SILVA; GRECO, 2012) sejam aplicáveis à categoria infantil, torna-se necessário compreender em quais momentos cada um destes meios táticos se tornam mais viáveis de serem utilizados por meio da definição de regras do funcionamento defensivo que levem em conta duas possibilidades de desdobramento dos armadores antes da penetração ao centro da defesa 3:3.

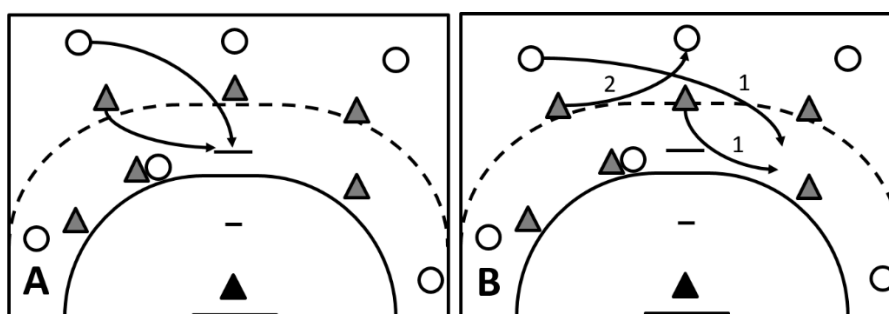


Figura 6 – Possibilidades de funcionamento da segunda linha defensiva frente à transformação ofensiva mediante deslocamento de armadores sem bola para o centro da defesa.

A Figura 6A ilustra um armador que se movimenta sem bola para o centro da defesa passando pela frente de seu atacante direto e por trás de seu atacante indireto. Neste caso, a regra de funcionamento da defesa deve orientar ao defensor direto que opte pelo deslizamento, ou seja, que siga seu atacante direto para a primeira linha defensiva, mantendo com ele uma relação de marcação individualizada até a primeira linha defensiva.

A conduta de deslizamento também é apresentada como a mais adequada por Ehret et al. (2002), que descrevem em seus exemplos de regras de conduta defensiva no sistema defensivo 3:3 a necessidade de se acompanhar os oponentes diretos que penetram sem bola às regiões de finalização durante a etapa de treinamento de base, que abrange a categoria infantil.

Já a troca de oponentes entre os defensores direto e indireto nesta situação se torna inviável, pois pelo fato da ultrapassagem do armador ocorrer pelas costas de seu defensor indireto, caracteriza-se a mesma dificuldade ilustrada pela Figura 5A, na qual o defensor não percebe a circulação do ponta por acontecer pelas suas costas.

Esta situação, apesar de não ocorrer entre duas linhas defensivas distintas dá ao defensor indireto um problema de interpretação semelhante, possibilitando que as orientações de Fernández Romero et al. (2012d) para situações de escalonamento das linhas defensivas sejam também aplicadas a esta situação, pois os autores justificam que as trocas de oponentes devem ser realizadas apenas em ações ocorridas na mesma linha defensiva.

A Figura 6B, entretanto, retrata uma situação diferente. Nela, o armador, ao realizar sua movimentação para o centro da defesa, passa pela frente tanto do seu defensor direto quanto

de seu defensor indireto. Neste caso, as regras defensivas devem priorizar que seja realizada a troca de oponentes e o posterior seguimento para o centro da defesa pelo seu novo defensor, pois esta movimentação se assemelha com um cruzamento sem bola, troca de posto específico ou com uma permuta (ANTÓN GARCÍA, 1998; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 2012b). Por acontecer à frente da linha defensiva e por haver a troca de posição entre os armadores, há facilitação para a realização das trocas de oponente (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 2012d).

Para Ehret et al. (2002) não há a observância de regras definidas para a defesa 3:3 na categoria infantil mediante a circulação de armadores conforme representado pela Figura 6B, entretanto, por haver a troca de posição dos armadores à frente da defesa, como ocorre num cruzamento com bola, pode-se entender que a orientação de Ehret et al. (2002) que prevê o uso de trocas de oponentes, pode ser aplicada a esta situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou possibilidades de ações funcionais orientadas à utilização do sistema defensivo 3:3 na categoria infantil, operacionalizada por meio de meios táticos que fazem parte dos conteúdos de aprendizagem desta faixa etária, como a utilização do reconhecimento do atacante direto e dos deslizamentos, que são meios táticos individuais e por meio das trocas de oponentes, um meio tático de grupo.

Por serem os meios táticos ações coordenadas entre os defensores, torna-se importante, numa perspectiva sistêmica, que as ações dos jogadores estejam bem definidas para o bom funcionamento do sistema defensivo 3:3. Logo, aprender a realizar tais meios táticos fora de contexto de jogo não necessariamente garante que as decisões que serão tomadas diante da partida sejam aprendidas, tornando-se necessário que os jovens atletas apliquem de maneira conjunta estes meios táticos frente ao jogo de transformações ofensivas da equipe adversária, logo, sempre com a presença de oposição.

Neste estudo, propõe-se que o deslizamento seja uma regra viável para as movimentações em bola dos pontas para o centro da defesa, sendo as trocas de oponente um meio tático difícil de ser operacionalizado devido à distância da primeira linha defensiva do centro do jogo.

No caso de movimentações sem bola dos armadores para o centro da defesa, este estudo propõe que se o armador passar pela frente do armador direto e pelas costas do armador indireto, seja priorizado o deslizamento do defensor direto. Caso o armador passe pela frente tanto do defensor direto como do defensor indireto, sejam realizadas a troca de oponente e o seguimento após esta troca.

Com o conhecimento de que esta não é uma proposta exaustiva por ser possível que outras condutas sejam utilizadas para lidar com as situações descritas neste estudo frente à

defesa 3:3, espera-se contribuir para a orientação da utilização do sistema defensivo 3:3 na categoria infantil frente às transformações ofensivas, uma vez que este sistema defensivo é defendido pela literatura como um conteúdo de aprendizagem para esta faixa etária dentro do processo de formação esportiva.

Como contribuições futuras, este estudo apresenta possibilidades que podem ser analisadas em ambientes de aulas, treinos e competições por meio de estudos que tenham como instrumento metodológico a análise do jogo, permitindo verificar tanto a viabilidade destas propostas como a sua eficiência frente aos problemas inerentes ao jogo de handebol organizados defensivamente pela defesa zonal 3:3 na categoria infantil.

Ainda, esperamos que estas informações contribuam diretamente com as intervenções práticas dentro do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do handebol de jovens da categoria infantil, auxiliando professores e treinadores em suas ações profissionais.

REFERÊNCIAS

- ANTÓN GARCÍA, Juan Lorenzo. *Balonmano: táctica grupal ofensiva: concepto, estructura y metodología*. Gymnos, 1998.
- ANTÓN GARCÍA, Juan Lorenzo. *Balonmano: nuevas aportaciones para el perfeccionamiento y la investigación*. Inde, 2000.
- ANTÓN GARCÍA, Juan Lorenzo. *Balonmano: táctica grupal defensiva: concepto, estructura y metodología*. Grupo Editorial Universitario, 2002.
- BAYER, Claude. *O ensino dos desportos colectivos*. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- BLÁZQUEZ, Domingo; HERNÁNDEZ, José. Moreno. *Clasificación o taxonomías deportivas*. Barcelona: INEF, 1984.
- COSTA, Israel Teoldo da et al. Relação entre a dimensão do campo de jogo e os comportamentos táticos do jogador de futebol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 25, n. 1, p. 79-96, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092011000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>.
- DAOLIO, Jocimar. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos-modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-103, 2002. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/478>>.
- D'OTTAVIANO, Itala Maria Loffredo; BRESCIANI FILHO, Ettore. Auto-organização e criação. *MultiCiência*, Campinas, n. 3, p. 1-23, 2004. Disponível em: <https://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_03/rede_02_.pdf>.

EHRET, Arno et al. *Manual do Handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Phorte, 2002.

ESTRIGA, Luisa; MOREIRA, Irineu. Proposta metodológica de ensino no andebol. In: TAVARES, Fernando (Ed.). *Jogos Desportivos Coletivos: ensinar a jogar*. Porto: FADEUP, 2013. p. 123-164.

FERNÁNDEZ ROMERO, Juan José et al. Sistema de jogo no ataque. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO FERNÁNDEZ, Juan José (Org.). *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível*. São Paulo: Phorte, 2012a. p. 189-201.

FERNÁNDEZ ROMERO, Juan José et al. Meios táticos de grupo no ataque. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO FERNÁNDEZ, Juan José (Org.). *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível*. São Paulo: Phorte, 2012b. p.159-178.

FERNÁNDEZ ROMERO, Juan José et al. Fundamentos técnico-táticos individuais na defesa. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO FERNÁNDEZ, Juan José (Org.). *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível*. São Paulo: Phorte, 2012c. p. 107-136.

FERNÁNDEZ ROMERO, Juan José et al. Meios táticos de grupo na defesa. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO FERNÁNDEZ, Juan José (Org.). *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível*. São Paulo: Phorte, 2012d. p. 180-189.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. *Journal of Physical Education*, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/21088>>.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a Prática*, v. 20, n. 3. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/39593>>.

GARCÍA, Juan Atónio et al. Influencia de las variables tiempo y distancia en la eficacia del juego con transformaciones en cuatro equipos de balonmano de alto nivel. Posibilidades para la aplicación en el entrenamiento. *European Journal of Human Movement*, v. 12, p. 79-94, 2004. Disponível em: <<https://recyt.fecyt.es/index.php/ejhm/article/view/56173>>.

GARGANTA, Júlio. Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos: In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José. (Eds.). *O Ensino dos Jogos Desportivos*. CEJD/FCDEF-UP. Porto, 1995. p. 11-25.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara Aparecida; GRECO, Fernando Lucas. O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB). In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO FERNÁNDEZ, Juan J. (Org.). *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível*. São Paulo: Phorte, 2012. p. 235-270.

HERRERO, Juan Ant3nio Garc3a. *Entrenamiento en balonmano: bases de la construcci3n de un proyecto de formaci3n defensiva*. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia cient3fica*. S3o Paulo: Altas. 2010.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides Jos3; REVERDITO, Riller Silva. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na fam3lia dos jogos. *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009. Dispon3vel em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2177/2285>>.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides Jos3. Oito anos de adapta33es competitivas na federa33o paulista de handebol: um estudo documental da categoria sub-14. *Motriviv3ncia*, v. 30, n. 55, p. 75-92, 2018. Dispon3vel em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n55p75>>.

MARTINI, Karl. *Andebol: t3cnica, t3tica, metodologia*. Mem Martins: Publica333es Europa-Am3rica, 1980.

MENEZES, Rafael Pombo. Possibilidades de ensino-aprendizagem no handebol: an3lise do sistema defensivo 3:3. *Cadernos de Forma33o RBCE*, v. 4, n. 1, p. 70-82, 2013. Dispon3vel em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1810>>.

MENEZES, Rafael Pombo; BOFF, Leonardo Cordeiro; FREIRE, Vitor Daronco. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento do sistema defensivo 3:3 no handebol diante de cruzamentos e trocas de postos espec3ficos ofensivos. *Arquivos em Movimento*, v. 11, n. 1, p. 4-20, 2014. Dispon3vel em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9248/pdf_50>.

MENEZES Rafael Pombo, REIS Heloisa Helena Baldy dos. O jogo defensivo diante de diferentes sistemas ofensivos no handebol: an3lise do cen3rio t3cnico-t3tico e reflex3es sobre o ensino. *Revista Brasileira de Ci3ncias do Esporte*, v. 38, n. 2, p. 168-175, 2017. Dispon3vel em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328916300063>>.

MENEZES, Rafael Pombo; REIS, Heloisa Helena Baldy dos; MORATO, M3rcio Pereira. O handebol, seu cen3rio imprevis3vel e os m3todos de ensino-aprendizagem-treinamento. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte*, v. 12, n. 3, p. 165-176, 2016. Dispon3vel em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86549093002>>.

SCAGLIA, Alcides Jos3 et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as compet3ncias essenciais e a l3gica do jogo em meio ao processo organizacional sist3mico. *Movimento*, v. 19, n. 4, 2013. Dispon3vel em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/37893>>.

SCAGLIA, Alcides Jos3; REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. *Jogos desportivos: forma33o e investiga33o*. v. 4, p. 133-170, 2013. Dispon3vel em: <https://www.researchgate.net/publication/303811866_Ambiente_de_jogo_e_ambiente_de_aprendizagem_no_processo_de_ensino_dos_jogos_esportivos_coletivos_desafios_no_ensino_e_na_aprendizagem_dos_jogos_esportivos_coletivos>.

SIMÕES, Antonio Carlos. *Handebol defensivo: conceitos técnicos e táticos*. 2. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2002.